

Gabriela
Freitas

Thaís
Wandrofski

Vinícius
Grossos

O Verão em que tudo mudou

A vida às vezes nos traz inúmeras surpresas.
Sem avisar, ela muda de direção.

D

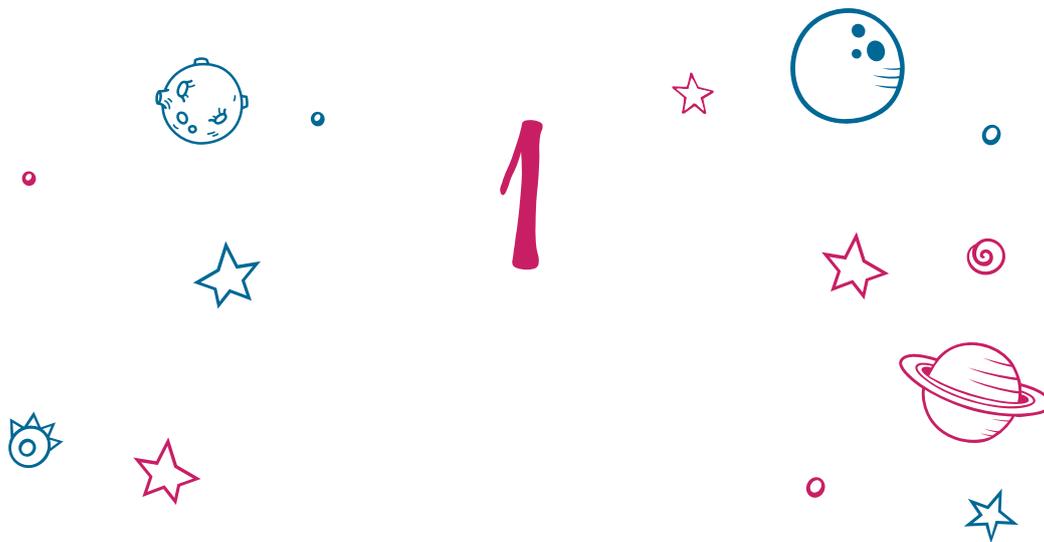
Gabriela
Freitas

Thaís
Wandroski

Vinicius
Grossos

O Verão
em que
tudo
mudou ♡

A vida sempre guarda inúmeras surpresas.
E sem avisar, ela muda de direção.



DEZEMBRO QUANDO INFINITOS SE ENCONTRAM

Vinicius Grosses

Descobri que, quando nascemos, nossas vidas já vêm com uma prévia de roteiro estabelecida, saiba você disso ou não. Todo o mundo espera que a gente cresça, construa uma carreira, se case, tenha filhos, se aposente e morra. É um ciclo sem fim que enxergo tanto na minha família como nas famílias dos meus amigos. Mas, às vezes, algumas pessoas acabam escapando a essa regra. Mutantes? Talvez; gosto de pensar em mim mesmo como um mutante... Aprendi, com muito custo, a me torná alguém à margem dos holofotes. Os outros sabem que eu existo, mas não me notam. É como se eu fosse uma simples presença no meio delas sem gerar curiosidade ou interesse. E gosto disso, porque, no fundo mesmo, não há nada de interessante ou atraente na minha vida. E não é glorioso apenas existir. Isso não chama muito a atenção. E, bem, eu sou esse cara. Sou um mutante e meu poder é me camuflar e viver nas sombras.

*

— Frederico, me ajuda com esta encomenda! — a Bárbara, minha gerente, grita perto do caixa.

O calendário colado na parede indica a data, numa cor vermelha com destaque: 24 de dezembro. É véspera de Natal. O dia está chuvoso, até

meio frio. E as ruas, abarrotadas de gente que não conseguiu comprar presentes a tempo.

Saio dos meus devaneios, desviando-me de vários clientes que lotam a livraria onde trabalho, e vou ajudar a Bárbara. Um *best-seller* sobre uma mulher comum que gosta de sadomasoquismo tem sido o livro mais vendido este mês inteiro. Pelo que parece, o Papai Noel este ano virá com chicotes e algemas.

Vou me esgueirando por sobre os livros da encomenda e começo a tirá-los da caixa de papelão, organizando-os próximo da entrada. A livraria onde trabalho é a mais popular da cidade, com suas infinitas estantes e prateleiras lotadas de livros, desde clássicos aos contemporâneos e comerciais. Trabalho aqui há alguns meses e até gosto bastante: ambiente agradável, café de graça e um salário que me permite pagar as contas. A verdade é que, conforme o terceiro ano do ensino médio foi se aproximando, assim como meu aniversário de dezoito anos, meus pais começaram a fazer pressão para que eu me enquadrasse naquele caminho. Segundo meus cálculos, eu estaria na fase de estudar e passar para uma faculdade. Mas chegamos a um grande dilema que me impediu de prosseguir: fazer faculdade de quê? Embora tenha me dedicado e pensado nisso nos últimos três anos, nada me chamou a atenção... Meus pais acabaram tornando esse impasse em um inferno completo! A conclusão deturpada deles foi que, se eu não queria mais estudar (como se a questão não fosse eu realmente não saber qual caminho seguir), deveria trabalhar, pois eles não me sustentariam para ficar em casa.

Passado meu aniversário, duas semanas depois, lá estava eu, fazendo uma entrevista para a vaga de vendedor na livraria.

No aguardo da chegada do entrevistador, abri a câmera frontal do meu celular e analisei minha aparência. Pele morena, cabelo preto e crespo meio ondulado, olhos escuros, boca muito grande, nariz meio torto. Nada de especial. Nada de atraente. Na verdade, sempre me considerei um conjunto apropriado. Não ficava entre os mais feios, mas nuncaaaaa fiquei na lista dos meninos desejados. Meu corpo também não ajudava muito, já que eu era muito magro. E meio que meus amigos me lembravam disso sempre, com o argumento: “Se você não nasceu com o rosto bonito, precisa ao menos ter um corpo apresentável.” E eu sempre respondia em silêncio: “E se o cara nasceu com um cérebro e é muito legal? Onde se enquadra?”

— Olá, eu sou a Bárbara, a gerente. — A interrupção pôs fim aos meus pensamentos e me trouxe de volta à sala da gerência, onde eu seria entrevistado para a vaga. — Você gosta de livros?

Ao olhar para trás, eu a vi entrando na sala. Ela se sentou em frente a uma mesa no centro do ambiente.

— Gosto. Mais do que de gente — falei, sem parar para pensar em como a gerente poderia interpretar isso, apesar de a resposta ser completamente sincera.

A Bárbara era uns três anos mais velha que eu e entrou na livraria como vendedora, o cargo para o qual estava me candidatando. Em dois anos, ela estava na gerência, encarregada dos vendedores e da administração da loja.

Mas a melhor imagem daquela entrevista foi quando ela se inclinou sobre a mesa de vidro que nos separava e me olhou no fundo dos olhos. A negra, de cabelo rastafári de impor respeito e de traços marcantes, enrugou a testa e disparou:

— DC ou Marvel? — como se minha admissão dependesse disso.

Mirei minhas mãos, molhadas de suor. Inspirei fundo e expirei. “Seja sincero”, uma voz ordenou dentro da minha cabeça.

— Meu super-herói favorito é o Batman, por todo o contexto do universo dele. Amo a sua solidão e os seus dilemas... E UAU! Os vilões são OS MELHORES de toda a história dos quadrinhos. Mas sabe, confesso que meu grupo favorito não é a Liga da Justiça... Tenho mais afinidade pelos X-men. Então não saberia escolher entre DC e Marvel.

A Bárbara me olhou com superioridade e cruzou os braços.

— E se eu fosse uma cliente em potencial e te pedisse uma dica... uma sugestão, entre as duas. O que você faria? — ela quer saber.

Encolhi os ombros. Estávamos na salinha da gerência, um cômodo minúsculo com uma mesa de vidro situada no meio, lotada de papéis, envelopes e notas fiscais. Atrás, havia um armário de ferro, cheio de caixas de papelão, com pastas enormes, contendo mais papéis. A mesa me separava da Bárbara, mas seu olhar parecia penetrar minha alma, garimpando a resposta. Eu também garimpava, porque não sabia bem o que responder.

“Sinceridade”, me forcei a pensar. Não queria entregar uma resposta que parecesse ser a mais adequada e que deixasse de lado a minha personalidade.

Abri a boca e acabei soltando:

— Provavelmente eu não saberia responder... Iria me sentar no chão com você, seguraria a sua mão e te daria força e apoio, qualquer que fosse sua escolha. Escolher entre DC e Marvel é como escolher entre um filho e outro.

Assim que acabei de falar, tive certeza absoluta de que dissera muitas besteiras e de que o bordão: “Obrigada por ter vindo. Qualquer coisa te

ligamos” seria a próxima frase que eu escutaria. Mas a Bárbara começou a rir, enquanto esticava a mão e apertava a minha.

— Respostas sinceras são sempre uma saída muito boa, rapaz. Você começa amanhã! E ah... Quem trabalha na livraria tem 30% de desconto nas compras dos produtos — completou com uma piscada de olho.

E ali meio que começou uma nova era da minha vida.

Experimentar na prática a palavrinha INDEPENDÊNCIA é incrível! Imagina, eu não precisava mais ouvir as reclamações dos meus pais caso quisesse ir ao cinema ou comer no shopping, porque não usaria mais o dinheiro deles. Assim, eu tinha permissão para fazer o que quisesse com o meu salário.

Só que aí eu me deparei com um grande problema: quando você começa a trabalhar no terceiro ano do ensino médio meio que se torna um pária — algo a ser evitado. Meus colegas estavam focados em passar no vestibular e andar comigo era perda de tempo. Um a um, eles foram se afastando. E o resultado foi: um passou para medicina, outro, para administração, e o terceiro, para educação física. Nesse tempo, eu os troquei por outros amigos: Netflix, doces Fini e Burger King.

Quando acabo de montar a pilha do *best-seller* erótico na mesa central, um cliente se aproxima, um tanto desesperado. Típico. Véspera de Natal e ele esqueceu o presente de alguém querido.

— Cara, por favor, estou procurando um livro para a minha mãe... Ela gosta desses romances em que as pessoas morrem e você acaba chorando muito...

E então, com a cabeça já trabalhando com ao menos cinco opções, saio dos meus devaneios e me concentro no trabalho.



Por causa do movimento vertiginoso causado pelo Natal, em vez de dividirem os funcionários em dois turnos para podermos almoçar, como de costume, fomos divididos em grupos menores. Somos dez funcionários trabalhando hoje e, para almoçar, são liberados apenas dois por hora. Como café acaba sendo meu combustível real, não tenho problemas em me candidatar para o último turno do almoço. A Bárbara fica com o último também.

Quando as três horas da tarde chegam e saímos da livraria para comer, a maioria dos restaurantes já está fechada — e temos a confirmação quando tentamos o último restaurante nos arredores.

— Droga! — a Bárbara reclama, olhando pelo vidro da entrada os funcionários limpando o estabelecimento.

Frustrado, encosto no muro de alguma loja e olho para a avenida movimentada que se estende a minha frente. Carros e mais carros num fluxo incontável e, nos espaços vazios, pessoas correndo, pessoas caminhando, pessoas paradas. Pessoas e mais pessoas. Algumas falam exaltadas em seus celulares. Outras apenas correm com sacolas nas mãos. Meio que servindo de cenário para tudo isso, nos locais onde é possível encontrar árvores, guirlandas e pisca-piscas trazem todo o clima natalino.

Sinto o estômago revirar, com ansiedade e um mau pressentimento. Quando chegar em casa, tenho certeza de que encontrarei a rotina — na sua forma mais crua. Meu pai estará assistindo ao telejornal, como sempre. Minha mãe vai fazer uma comida bem mais ou menos. Nada de peru. Nada de farofa com uvas passas. Nada de sobremesa. Nada de Natal.

— Fred? — a voz da Bárbara me traz de volta ao presente. — Eu moro aqui perto... Posso improvisar algo para comermos. Vamos?

Dou de ombros, sem muita opção, e passamos a caminhar rumo ao apartamento da minha gerente.

— E aí? Planos para hoje? — ela me pergunta, depois de um tempinho de caminhada em silêncio.

Sempre fui assim, meio quieto. Falo só quando é extremamente necessário. Uma vez minha avó, que Deus a tenha, brincou, dizendo que eu era um cara que achava as palavras tão bonitas que não gostava de usá-las em vão; que as usava só quando realmente precisava. Gostei daquilo. Até aquele momento, ao contrário do que minha avó acreditava, eu me achava um cara quieto apenas por ser um bundão e não conseguir manter uma linha de raciocínio lógica o suficiente por alguns minutos.

— Desde que meus avós morreram, meus pais meio que cagam pro Natal. É só mais um dia comum — respondo, com sinceridade.

A Bárbara me olha com ar de quem compreendeu algo subentendido.

— Por isso você se ofereceu para fechar a loja — ela deduz.

Não preciso confirmar com palavras. Quem fica para fechar a loja geralmente sai uma hora depois dos outros funcionários.

Paramos em frente a um prédio residencial, a quatro minutos do miolo do centro. O apartamento tem a fachada um tanto descascada, mas eu até que gostei. Parece cenário daqueles filmes *cult* de pessoas solitárias que vivem com um gato e nunca se apaixonaram.

A Bárbara roda a chave e entramos, subindo, em seguida, uns lances de escada até o quarto andar.

— Apartamento 407 — a Bárbara diz ao abrir a porta. — Bem-vindo, Fred.

O lugar é diferente do que eu imaginava. Tem três cômodos: uma sala/quarto, com uma cama de casal no canto, um guarda-roupa ao lado, um criado-mudo do outro lado, uma poltrona em frente e uma sacadinha; e um minúsculo banheiro e uma cozinha tão pequena quanto.

— Pequeninho, né? — ela comenta, acompanhando o meu olhar. — Mas para uma pessoa só, dá pro gasto.

— Eu adoraria morar em um lugar assim. — Sento na poltrona estofada vermelha em frente à cama.

A Bárbara joga na colcha o avental da loja e vai para a cozinha enquanto fala:

— Gosto daqui. É como ter o seu próprio universo.

— Sim — concordo, ainda olhando para tudo.

— O apartamento para onde vou me mudar é um pouquinho mais espaçoso... — ela afirma, de longe. — Só tenho miojo! Serve?

— Sabor carne?

— SIM!

— Serve!

— Se não servisse, azar seu! — ela responde, rindo.

Enquanto a Bárbara se vira na cozinha, acabo reparando que de fato há algumas sacolas e maletas bem arrumadas num canto da pequena sala/quarto.

— Para onde você vai se mudar, Bárbara? Aqui parece ser ótimo... Perto de tudo. Perto do trabalho.

Vejo a cabeleira *black-power* da Bárbara aparecer atrás do vão que desemboca na cozinha.

— Promete guardar segredo?

A questão me pega de surpresa. Adoro a Bárbara e nós sempre tivemos uma relação cordial, educada e até de quase amigos. Ela é agradável e sinto que vai muito com a minha cara. Mas nunca havíamos chegado ao ponto de trocarmos confidências.

— Lógico! — digo, meio desconcertado.

A Bárbara volta a desaparecer na cozinha enquanto o cheirinho do miojo sobe pelo ar.

— Já conversei com nossos chefes e tudo já está acertado... Eu vou embora.

Demora um pouco para que o real valor das palavras dela consiga fazer sentido.

Desde quando comecei a viver essa minha nova vida, a Bárbara praticamente se tornou um totem — um ponto de referência que me tirava, mesmo que apenas no período de trabalho, de uma solidão fortemente construída.

— Embora da livraria? Mas por quê? — Meu cérebro está a mil, com os pensamentos lutando para se tornar argumentos apresentáveis. — Você é uma ótima gerente... se dá bem com todo mundo e...

— Não vou simplesmente embora da livraria, Fred. Eu vou deixar a cidade. O estado.

Meu coração está acelerado e sinto o suor brotando sem freio. Minha cabeça então dá sinais de crise; geralmente, quando tenho um estresse muito grande, tudo começa a doer. Minha boca está seca e fico em silêncio, sem saber o que dizer.

Deve ter demorado uns dois minutinhos, mas para mim parece ter passado uma eternidade quando a Bárbara reaparece com dois pratos de miojo. A fumaça dança em torno dela. Logo a Bárbara se tornará fumaça na minha vida também.

Ela me entrega um prato com um pano por baixo, para que eu não queime a mão, e se senta na cama. Pouso o prato no meu colo e continuo encarando o nada.

— Fred? — ela quebra o silêncio. — O que você tem?

Engulo em seco antes de responder:

— Nada... É só que... fui pego de surpresa. Com a sua notícia.

A Bárbara já está na metade do prato e meu miojo continua intacto.

— Bem... Desculpa não ter falado antes. Mas é que sou meio chata com essas coisas de sonhos. Acredito que se a gente conta antes de ele estar certo de acontecer, a sorte zoa pelas nossas costas e os sonhos e planos não saem de forma perfeita. Não que eu não confie em você. Mas bem, é isso...

Ela pousa o prato na cama, abre a porta do guarda-roupa e tira dele uma mochila. Logo reconheço a estampa inspirada na Cinderela. A Bárbara abre seu zíper e a vira de cabeça para baixo em cima da colcha, despejando todo o seu conteúdo.

No começo não consigo definir bem o que é, mas logo percebo uma série de objetos desconexos: há cabeças de Barbies, miniaturas de carrinhos de plástico, penas artificiais que tentam imitar a penugem de pavões.

— O que é isso? — pergunto, sem entender.

A Bárbara dá um risinho.

— Meu sonho, Frederico — ela diz, com palpável orgulho.

Aí, pega duas cabeças de Barbie que têm cabelo azul e se aproxima de mim. Inclina-se em meu rosto e começa a cutucar o furo na minha orelha, que há um tempo não é usado. Em segundos eu sinto o peso sob minha pele.

— Brincos! — a Bárbara exclama. — Brincos especiais, é claro.

E é isso mesmo. Há milhares de modelos de brincos diferentes, todos incrivelmente exóticos, diferentes de qualquer coisa que eu já tenha visto em toda a vida.

— Já tem algum tempo que montei uma lojinha on-line e tenho vendido meus brincos pelo país inteiro, o que é incrível — a Bárbara me explica. — E eu sempre quis trabalhar com isso. Sempre foi o meu sonho...

— Mas com o que você ganha com isso dá para se sustentar? Tipo... não que seja da minha conta, mas...

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM MARÇO DE 2018